

LOUIS ALTHUSSER NO PEQUENO PANTEÃO: SUA IMPORTÂNCIA FILOSÓFICA SEGUNDO ALAIN BADIOU

José Mauro Garboza Junior¹

Luiz Guilherme Nunes Cicotte²

Resumo:

Louis Althusser continua a exercer grande influência no pensamento político contemporâneo, especialmente no marxismo e na teoria crítica. Sua importância ainda parece estar longe de ser realmente evidenciada. A análise da relação entre filosofia, ciência e política em seu trabalho é central para entender tal relevância. Desse modo, o problema abordado no presente texto se dá da seguinte forma: como o resgate de Althusser, a partir da leitura de Alain Badiou em *O Pequeno Panteão Portátil*, pode contribuir para o pensamento filosófico contemporâneo? A hipótese sugerida é que a crítica de Badiou pode elevar Althusser como um filósofo que manteve uma preocupação com o lugar específico e a dignidade legítima da filosofia. O objetivo deste trabalho é reconstituir a crítica de Badiou ao aparato teórico de Althusser, explorando suas contribuições à política e filosofia atuais, sendo necessário mostrar: 1) a relação entre filosofia, política e ciência em Althusser; 2) a reformulação da filosofia althusseriana após 1965; e 3) a análise crítica de Badiou sobre a subordinação da filosofia à política. Como conclusão, defende-se que Althusser ainda preserva um caráter filosófico importante, cuja herança continua relevante para os debates filosóficos sobre o pensamento revolucionário e a intervenção política.

Palavras-chave: Condições da Filosofia. Filosofia Francesa Contemporânea. Marxismo. Prática Teórica.

LOUIS ALTHUSSER IN THE POCKET PANTHEON: HIS PHILOSOPHICAL IMPORTANCE ACCORDING TO ALAIN BADIOU

279

Abstract:

Louis Althusser continues to exert significant influence on contemporary political thought, particularly in Marxism and Critical Theory. His importance still seems far from being fully recognized. The analysis of the relationship between philosophy, science, and politics in his work is central to understanding this relevance. Therefore, the problem addressed in this text is as follows: how can the recovery of Althusser, based on Alain Badiou's reading in *Pocket Pantheon*, contribute to contemporary philosophical thought? The suggested hypothesis is that Badiou's critique can elevate Althusser as a philosopher who maintained a concern with the specific place and legitimate dignity of philosophy. The objective of this work is to reconstruct Badiou's critique of Althusser's theoretical apparatus, exploring his contributions to current politics and philosophy, by examining: 1) the relationship between philosophy, politics, and science in Althusser; 2) the reformulation of Althusserian philosophy after 1965; and 3) Badiou's critical analysis of the subordination of philosophy to politics. In conclusion, it is argued that Althusser still retains an important philosophical character, whose legacy remains relevant to philosophical debates on revolutionary thought and political intervention.

Keywords: Conditions of Philosophy. Contemporary French Philosophy. Marxism. Theoretical Practice.

¹ Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (PPGFil-UEL), Doutor em Ciência Jurídica pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná (PPGCJ-UENP). Professor do curso de Direito da UENP. E-mail: garbozajm@gmail.com Registro OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-8566-2294>

² Mestre e Doutorando bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (PPGFil-UEL). Professor do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Londrina. E-mail: luizcicotte@gmail.com Registro OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-3600-3353>

Introdução

Louis Althusser ainda parece ter uma relevância considerável no pensamento político contemporâneo, especialmente no campo do marxismo e da teoria crítica. Suas reflexões sobre ideologia, materialismo histórico e a relação entre filosofia e política continuam sendo objeto de debate e influência em diversas correntes de pensamento. Os comentários tecidos por Alain Badiou a respeito da importância de Althusser não apenas reafirmam seu impacto na filosofia e na política, mas também evidenciam algumas de suas limitações. Ao destacar o rigor teórico de Althusser e sua tentativa de redefinir a filosofia materialista marxista, Badiou também aponta as dificuldades e contradições presentes em algumas das elaborações althusserianas, como o dilema entre a autonomia da filosofia e sua relação com a ciência e com a política.

O material deixado por Althusser parece ainda não ter sido muito bem avaliado em termos da filosofia e da política de nosso tempo. Essa consideração tem um duplo sentido. Em primeiro lugar, no que diz respeito a avaliação do que foram os esforços e fracassos do marxismo, principalmente da segunda metade do século XX em diante. Em segundo lugar, nos termos do próprio Badiou e sua proposta de uma filosofia militante, subtrativa e afirmativa. A partir da abertura dessa possibilidade de investigação, o presente texto tem como problema de análise a seguinte pergunta: de que modo o resgate feito de Althusser, a partir da leitura feita por Badiou em *O Pequeno Panteão Portátil*, pode contribuir para pensar a filosofia e a política contemporaneamente?

Como hipótese para tal questão, procura-se demonstrar que os argumentos apresentados podem contribuir para elevar a figura de Althusser como um filósofo preocupado com o lugar, o estatuto e a dignidade da filosofia, apesar de suas incidências políticas e científicas terem tomado um lugar considerável na sua identificação. O objetivo do trabalho é de reconstituir a crítica do aparato althusseriano trazido por Badiou como contribuições à política e à filosofia contemporâneas. Para tanto, o texto está dividido em três partes.

Na primeira parte, será explorada a relação entre filosofia, política e ciência no pensamento de Althusser. Inicialmente, contextualiza-se a militância filosófica nos anos 1960, marcada por um discurso influenciado pelas lutas políticas e pela necessidade de intervenção teórica, discute-se como Althusser concebe a filosofia como um espaço de nomeação dos fracassos políticos e dos “desvios teóricos” fundamentais para a compreensão das limitações do marxismo. Apresenta-se também a busca althusseriana inicial por uma relação autônoma

com a ciência e com a política, culminando em uma reflexão sobre a prática teórica e sua multiplicidade, afastando uma tendência formalista que esvaziaria a filosofia de um objeto real.

Na segunda parte, explora-se a reformulação da filosofia em Althusser, especialmente após 1965, quando rejeita a concepção teoricista e epistemológica. A filosofia deixa de ser vista como teoria do conhecimento ou da história do conhecimento e passa a ser entendida como um ato de demarcação e intervenção teórica, sem um objeto próprio. Essa mudança faz que a filosofia não esteja subordinada à ciência, mas condicionada a ela, operando por meio da nomeação e da criação de categorias, abordagem que assume um caráter específico, pois reconhece suas condições políticas e busca tornar seus efeitos teóricos mais claros, diferenciando-se das filosofias idealistas e das concepções imanentistas que obscurecem a função e o papel da filosofia. Essa virada prática operada por Althusser se direciona para um novo conceito de filosofia, situando-a entre a ciência de um lado, e a política de outro.

Na terceira parte, será aprofundada a análise feita por Badiou sobre a reformulação filosófica em Althusser. Argumenta-se que a filosofia opera na interseção entre ciência e política, sendo condicionada por ambas. No entanto, Althusser desloca seu foco ao longo do tempo, inicialmente enfatizando a relação com a ciência e, posteriormente, suturando a filosofia à política, entendendo-a como a luta de classes na teoria. Badiou identifica nessa sutura um problema que compromete a autonomia da filosofia, subordinando-a a uma de suas condições. Ao reconhecer a importância de Althusser na defesa da existência racional da filosofia, Badiou propõe um caminho alternativo para libertar a filosofia desse impasse, pela reafirmação seu caráter subtrativo e imanente.

A metodologia utilizada seguirá os comentários feitos pela principal referência do texto-base de Badiou com o apoio das obras de Althusser mencionadas, bem como alguns materiais de apoio de segunda ordem. Como conclusão, será feita uma retomada dos aspectos gerais como balanço da contribuição da leitura sobre a herança althusseriana como tarefa aberta na defesa da posição afirmativa de que Althusser ainda preserva um caráter de pensamento importante no campo filosófico e atual.

1 Um lugar para uma filosofia da prática: conhecimento, ciências e política

As questões candentes do tempo dos escritos de Louis Althusser acompanham o espírito do tempo da década de 1960, uma época marcada pela reflexão sobre a urgência da prática, sendo a *intervenção* (uma espécie de luta “política” disseminada) um dos articuladores

centrais dos assim chamados anos vermelhos (Badiou, 2012a, p. 27, 43-54). Naquele período de efervescências múltiplas, Alain Badiou faz questão de apontar, como comentário preliminar em *O Pequeno Panteão Portátil*, que à época corresponderia certo militarismo incorporado ao discurso de Althusser (não à toa que a “militância” tem aí suas raízes) (Badiou, 2012b, p. 31-39; 2017, p. 47). Esse recurso foi quase como um imperativo do tempo de luta política no contexto pós-guerras de certa fração intelectual francesa: “O enclausurado da ENS da rua d’Ulm não se permitia ter tempo para meditação, nem para o recuo. Ele só tinha tempo para a intervenção, circunscrito, agitado, como lançado em uma direção inelutável” (Badiou, 2017, p. 47).

Por mais que a palavra de ordem de “ir às ruas” fosse seguida à risca por boa parte dos participantes daquele intervalo histórico, as questões filosóficas também se renovaram para tentar acompanhar as aquelas demandas urgentes. Desse modo, segundo Badiou, Althusser tem um papel importante por ter posto em questão o lugar da filosofia para tal “luta” (Badiou, 2017, p. 47). Tal lugar é considerável nas construções da história, e se encontra nos “desvios teóricos” em uma dupla indicação: 1) do fracasso político, que não é causado pelo adversário, mas pelas fraquezas dos próprios projetos radicais; 2) a fraqueza é sempre uma fraqueza do pensamento. Sendo assim, a política é determinada com o seguro da intelectualidade e não pela lógica objetiva das potências, são as chamadas regras de independência subjetiva) (Badiou, 2012b, p. 7-26). Para Althusser, portanto, os grandes fracassos históricos proletários se encontram nos desvios teóricos (Althusser, 1975, p. 57-68). Não sendo próprio do campo da dimensão prática a derrota, ela reside justamente nos espaços desenhados teoricamente, que são traçados por regras de imanência e de independência subjetiva (Badiou, 2017, p. 47).

Os desvios teóricos da política, para Althusser, são os desenhos teóricos do economicismo, evolucionismo, voluntarismo, humanismo, dogmatismo (Althusser, 1974a, p. 39). No fundo, esses desvios são desvios filosóficos, e foram denunciados pelos grandes dirigentes operários (Friedrich Engels e Vladimir Lênin principalmente) (Althusser, 1974a, p. 25-40). Esses desvios pavimentaram o rumo para dar um norte à filosofia. Contudo, vale lembrar que nem sempre essa aproximação da ação política com o pensamento filosófico foi autenticamente autorizada (Althusser, 1978, p. 24-27).

A filosofia seria então o lugar de pensamento onde se decide nomear os fracassos da política, uma instância de reação imanente dos avatares da política (ou do politiquero, se preferir), uma espécie de condição de possibilidade para uma análise de conjuntura (Badiou,

2017, p. 48). É possível começar, a partir dessa indicação, a verificar um esboço do que seria a função operativa e organizadora da filosofia no aparato althusseriano que Badiou esboça.

A estratégia althusseriana de só determinar *in loco* o ato filosófico procura delimitar um espaço de nomes para a crise contemporânea, ou pós-stalinista (Badiou, 2017, p. 48). Essa é uma das razões para seu empenho desde *Ler o Capital* (Althusser, 1979, p. 11-74), determinando as categorias da assim chamada “filosofia de Marx” (Balibar, 1995, p. 7-22, 135-145): “O prefácio ‘*Ler O Capital*’ tem, precisamente, como título, uma intenção, uma orientação, cuja filosofia é o ponto ideal. ‘Do *Capital* à filosofia de Marx’, tal é o título” (Badiou, 2017, p. 48). Então, não é buscar na economia, nem no humanismo ou qualquer outro lugar, mas dentro da própria filosofia (na própria “filosofia de Marx”) um lugar para essa nomeação.

No entanto, há um entrave nessa estratégia pelo próprio conceito de filosofia (Badiou, 2017, p. 48). Desde ao menos 1966 se observa em Althusser uma autocrítica, implícita ou explícita, que diz respeito à questão de a própria autonomia da filosofia estar vez ou outra na dependência de condições específicas (científicas, artísticas ou políticas, por exemplo) (Althusser, 1974b, p. 34). A consequência desse legado se dá justamente pelo caráter sumamente indecível das relações entre a filosofia e a política.

Em 1965, época de *Ler o Capital*, ler o livro de Marx enquanto filósofo servia como oposição à leitura economicista ou historiográfica (Althusser, 1965, p. 89-90; Badiou, 2017, p. 48). Ela servia para questionar o objeto específico de um discurso específico. Não haveria um caráter epistemológico entre essas observações de objeto e discurso? A proposta seria, justamente pela mediação das categorias de discurso objeto, de que esse gesto funcionaria como o começo absoluto da história de uma ciência. Durante o percurso decorrido por Althusser, há uma ampliação do marxismo que estaria pronto para ser uma doutrina do pensamento (Badiou, 2017, p. 49). Então, a proposta trataria de substituir a questão ideológica das garantias da possibilidade do conhecimento pela questão do mecanismo de apropriação cognitiva do objeto real, por meio do objeto de conhecimento (Althusser, 1965, p. 90).

Decorrem-se daí duas observações: (1) a filosofia permaneceria no regime do conhecimento; (2) haveria *em* filosofia uma oposição diferente dominada por questões ideológicas, ou seja, não se pensava nas garantias da verdade, mas nos mecanismos de produção de conhecimento (Badiou, 2017, p. 49-50). Assim concebida, a filosofia está em união com a ciência. Ela é virtualmente o efeito do conhecimento, ou, nas palavras de Althusser, *teoria da*

prática teórica (Althusser, 1965, p. 6). Como a filosofia é essa teoria da prática teórica, logicamente se trata de interrogar o sentido do que é uma prática.

O quadro descritivo de Althusser para a existência da história se organiza, de maneira geral, no múltiplo. Tal múltiplo irreduzível é o das práticas que, segundo Badiou, possui sua definição inicial como “[...] o nome da multiplicidade histórica. Ou o nome daquilo que eu chamo de uma situação, a partir do momento em que ela é pensada na ordem de seu desdobramento múltiplo” (Badiou, 2017, p. 50). Portanto, “Reconhecer a primazia da prática é, precisamente, admitir que ‘todos os níveis da existência social são lugares de práticas distintas’” (Badiou, 2017, p. 50). Assim, não existiria apreensão da existência social que possa ser feita sob o signo do Uno. Como decorrência, o pensamento de Althusser afirma o múltiplo heterogêneo.

Ainda no quadro descritivo de Althusser, Badiou aponta que em *Ler o Capital*, Althusser lista uma série de práticas: prática política, prática econômica, prática ideológica e, finalmente, prática científica ou teórica (Althusser, 1965, p. 70). Badiou chama atenção para essa questão “teórica”, porque quando Althusser elenca as práticas, ele coloca a prática teórica depois da científica adicionando entre parênteses, como se fosse apenas outro nome ou uma sinonímia esclarecedora (Badiou, 2017, p. 50).

Será exatamente nessa questão que Badiou irá focar em demonstrar. Os parênteses inocentes, que estruturam o “teórico” acima do científico é o que detém todas as dificuldades posteriores (Badiou, 2017, p. 50-51). Todo o esforço de Althusser será o de pontuar novamente a filosofia, tirá-la dos parênteses sem que o vazio que, a partir de então, possa ser completamente apagado. A nova lista citada por Badiou diz respeito a ciência, a matemática e a filosofia (Badiou, 2017, p. 51). A prática matemática estaria situada no intervalo teórico entre ciência e filosofia, sendo distinta das ciências propriamente ditas (Badiou, 2017, p. 51-52). A aproximação de Althusser revela uma proximidade paradoxal entre filosofia e matemática que se expressaria no dilema moderno do formalismo em filosofia (Althusser, 1974, p. 13-30). Essa proximidade paradoxal, segundo Badiou, se torna uma metáfora do fato de que a filosofia seria, para Althusser, um lugar de pensamento homogêneo às ciências, mesmo que sob uma forma na qual o objeto real também está ausente, assim como na matemática pura.

Em síntese, a reflexão filosófica de Althusser até então apresenta uma visão inovadora sobre a relação filosófica, destacando a importância de se pensar a filosofia como uma prática teórica estruturante e não subordinada a outras formas de conhecimento, diante da necessidade de se entender os desvios teóricos como elementos fundamentais. A tarefa desse

primeiro Althusser seria, portanto, de recuperar e reposicionar a filosofia, fazendo dela uma prática autônoma sem perder seu íntimo vínculo com a ciência.

2 Rumo ao nada filosófico: por uma prática de pensamento sem objeto

O quadro montado por Badiou gira em torno da relação entre filosofia e política na obra de Althusser, destacando como os fracassos históricos do proletariado seriam decorrentes de desvios teóricos e não apenas de fatores práticos. Além disso, a relação entre filosofia, ciência e matemática, em termos do que seria uma prática, evidencia a tentativa de Althusser de reposicionar a filosofia como uma prática teórica autônoma, embora paradoxalmente ligada à ciência, sem um objeto real próprio.

Em certa altura, essa construção seria autocriticada por Althusser como um desvio teorista (Althusser, 1979, p. 142-150; Badiou, 2017, p. 52). Após 1965, Althusser revisaria suas posições e a filosofia não poderia ser reduzida segundo esse desvio. O ponto de partida está posto desde 1965, em que afirma que Althusser coloca que Karl Marx só pôde se tornar Marx ao fundar uma teoria da história e uma filosofia que estabelece a distinção histórica entre ideologia e ciência, um gesto englobando duas criações em uma única ruptura: de um lado, o materialismo histórico, e o materialismo dialético de outro (Althusser; Badiou, 1979, p. 12).

Os laços entre essas duas dimensões demandavam uma reformulação da filosofia para ser ela não apenas uma teoria positiva da prática teórica, mas um ato de separação e distinção (Badiou, 2017, p. 52). Tal ato filosófico se encontra, então, inteiramente nas categorias através das quais se torna possível discernir ciência e ideologia. Dito de outro modo, a filosofia é aquilo sobre o que Althusser vai retornar sem descansar, usando a expressão de Lênin, como a capacidade de traçar linhas de demarcação no teórico, discernindo regiões, e sendo mais uma *intervenção* que uma *disciplina* (Althusser, 1974a, p. 59-63).

Para tanto, Badiou apresenta que Althusser precisará realizar algumas operações complexas para legitimar essa nova opção (Badiou, 2017, p. 52-53). São elas: (1) retirar a filosofia do paradigma teórico – isto é, incluir uma dimensão prática do *vivido* nas reflexões sobre os atos filosóficos; (2) conceber a filosofia como teoria do conhecimento – isto é, não mais partir para o enfrentamento epistemológico do lugar da filosofia para o conhecimento ou para o conhecimento do conhecimento dos pensamentos; (3) parar de concebê-la como história do conhecimento – isto é, entendê-la como um campo de tensões atuais e não por determinada arqueogenealogia. Esse seria o grande objetivo do programa de Althusser pós-1965 que estava

em jogo o futuro de um pensamento passado pela desepistemologização da filosofia (Badiou, 2017, p. 52; Sampedro, 2023, p. 53). Dessa forma, Althusser opera, no que diz respeito ao conceito de filosofia, por desmontar a tradição epistemológica e historicista que fundamenta o academicismo francês por meio do esvaziamento, da supressão e da negação. Segundo Badiou (2017, p. 53), “Na versão qualificada por ele de “teoricista”, a filosofia é classicamente definida por seu domínio de objetos, ou seja, as práticas teóricas das quais ela estuda o mecanismo. [...]. A filosofia não tem objeto real. Ela não tem pensamento de um objeto”.

Sob essa nova concepção, uma filosofia que tem um objeto está esvaziada. Essa mudança radical se dará na postura afirmativa de que a filosofia tem nenhum objeto. A filosofia não tem nenhum objeto real, ela não pensa um objeto. Assim como nos anos iniciais da década de 1960, Jacques Lacan definia a angústia como sendo aquilo “não sem objeto”, Althusser parece tentar usar do mesmo paralelismo para lidar com uma “relação de objeto cujos objetos são ausentes”. A consequência imediata disso é que a filosofia não tem história, uma vez que toda história é normatizada por uma objetividade de seu processo, não tendo nenhuma relação com o objeto real, a filosofia é de tal modo que nada se passa (Badiou, 2017, p. 53).

Essa convocação do vazio é essencial. As categorias da filosofia são vazias porque não designariam nenhum real do qual se pode organizar o pensamento (Badiou, 2017, p. 53). Esse vazio positivo de uma operação ou de um ato são vazios justamente porque todo trabalho de operar em direção e a partir de práticas já existentes tratam de uma matéria real e historicamente situável. Assim sendo, a filosofia não é uma apropriação cognitiva de objetos singulares, mas, e sobretudo, um *ato* do pensamento, uma vez que com ela se pode construir e afirmar um conjunto de práticas (ou um pensamento sobre tais práticas) *do zero*, ou seja, pode-se avaliar passo a passo como práticas indeterminadas (múltiplas e aparentemente sem conexão) são capazes de produzir efeitos determinados.

A filosofia, portanto, precisa ser decifrada no que diz respeito à sua forma. Para fazê-lo, é preciso investir ou declarar *teses* (Althusser, 1974b, p. 13). Há uma tripla dimensão da tese: (1) a filosofia é uma declaração; (2) declarar é uma delimitação no vazio categorial do objeto; tal é o ofício prático da filosofia; (3) Althusser toma essa forma declaratória para as relações políticas. Como resultado, a declaração (de teses) é uma palavra da política. Em termos da tese de que a filosofia é uma declaração (1), é dizer que a filosofia é afirmativa. Sobre a segunda tese (2), declarar uma delimitação no vazio categorial do objeto é o ofício prático da filosofia que diz respeito ao seu próprio vazio. Uma vez que não tem objeto, o ato de declaração desse vazio categorial por meio do ato do pensamento cria a função própria da filosofia. A

terceira tese (3) concerne à relação do que seria próprio da política, ou seja, a afirmação dos nomes próprios, inicialmente indecidíveis, que a política cria e afirma no mundo.

Haveria uma diferença marcante entre as posições da filosofia como questionamento epistemológico e como teses afirmativas (Badiou, 2017, p. 54). Aqui, Badiou resgata a unidade e a brutalidade do conceito de filosofia. Para ele, a filosofia é afirmativa e combativa. Dessa forma, há uma distinção entre a filosofia de Althusser e, por exemplo, a antilinguagem de Lacan (Althusser, 1985, p. 51-71). Além disso, há o pressuposto radical do ateísmo: as verdades não têm nenhum sentido em si mesmas. A filosofia não é interpretação, mas um ato, trata-se de uma posição que se diferencia no interior da filosofia, em relação a qualquer concepção hermenêutica, na medida em que a filosofia não é interpretação do mundo, mas intervenção ativa.

Quanto ao ato e à declaração, essas formas traçam uma linha de demarcação, que separa e desarticula tendências constitutivas da filosofia, que podem ser idealistas ou materialistas (Badiou, 2017, p. 54-55), situação paradoxal pois, uma vez que a filosofia não tem história, esse ato de delimitação repete e institui opções eternas relacionadas à relação entre matéria e espírito: (1) A primazia da objetividade material para o materialismo; (2) A primazia da ideia e do sujeito para o idealismo (Althusser, 1974b, p. 101-102). Nesse sentido, é correto afirmar que a intervenção de cada filosofia se faz no vácuo, é um “nada filosófico” cuja instância apenas se constata.

287

No entanto, aqui outro um ponto fundamental: dizer que em filosofia não há objeto nem história não significa dizer que ela não produza efeitos. Mesmo que não exista uma história da filosofia, Althusser dirá que existe uma história na filosofia (Althusser, 1974b, p. 81-116), ou seja, existe “uma história do deslocamento da repetição indefinida de um traço nulo, cujos efeitos são reais” (Badiou, 2017, p. 55).

Esse real efeito se encontra na convocação central à ciência (Badiou, 2017, p. 55). A filosofia não pode mais ser considerada uma “ciência da ciência”, nem ter a ciência como seu objeto. Isso representa uma tese antipositivista: a filosofia não é uma ciência, e suas categorias são distintas das categorias científicas. Reconhecendo essa diferença, Badiou afirma a existência do chamado “ponto nodal número 1” que é o laço privilegiado entre filosofia e ciência (Badiou, 2017, p. 56). A natureza desse privilégio se sustenta na tese “existe a ciência”, e que a ciência seria a condição de existência da filosofia, o que marca um íntimo envolvimento da filosofia com a ciência. No curso *A Filosofia e seu Programa dos Sábios*, de 1967, Althusser vai dizer que, no exterior de sua relação com as ciências, a filosofia deixa de estar na posição

de objeto e passa para a posição de condição: a ciência deixa de ser um objeto da filosofia e passa a ser sua condicionante (Althusser, 1974b, p. 11-51). Esse deslocamento é crucial pois, para Althusser, a relação ideal entre filosofia e ciência não é uma relação de objeto, de fundamento ou de exame crítico, mas uma relação de condição.

Como então a filosofia consegue se soltar de sua condição científica fora do seu modo epistemológico? Trata-se de uma questão delicada, que exige uma operação bastante específica. Caso se aceite a separação entre ciência e ideologia, o efeito disso é que elas retomam suas respectivas posições de *objeto para a filosofia* (Badiou, 2017, p. 56). Como o a assunção do vazio das categorias da filosofia não permite tal retorno, tanto a ciência quanto a ideologia não são objetos da filosofia, logo, o ato e o efeito da filosofia não é capaz de separar de modo direto ciência de ideologia (Badiou, 2017, p. 56). A conclusão é de que se deve abandonar o corte epistemológico em filosofia.

A importância dessa nova configuração da filosofia pode ser sumarizada em dois pontos. A primeira resposta consiste em radicalizar a desvinculação da filosofia e qualquer objeto real. Assim, a filosofia se relaciona apenas consigo mesma, sendo seu efeito real inteiramente produzido no espaço do pensamento, que seu vazio particular constitui. A filosofia se relaciona consigo com o objetivo de fazer demarcação entre o ideológico das ideologias e o científico das ciências (Badiou, 2017, p. 57). Essa distinção entre o científico e o ideológico é *interior à filosofia*, não sendo *anterior* a ela, mas resultado de sua intervenção. Tal efeito da filosofia é diferente do efeito do conhecimento produzido pelas ciências, ela o produz apenas dentro de si mesma. Enquanto o efeito da ciência opera na realidade, o efeito real da filosofia opera exclusivamente dentro da própria filosofia. Tal distinção é uma tese da imanência completamente radical, uma invenção interior à filosofia.

No entanto, essa modificação imanente, por estar no campo geral das práticas, tem efeitos exteriores. Assim, a prática filosófica, ainda que imanente, produz efeitos no exterior. Essa modificação imanente e o resultado interior da filosofia operam sobre práticas não filosóficas, incluindo a ciência, o que faz Althusser defender que a filosofia intervém na realidade ao produzir efeitos em si mesma, mas age fora dela por meio dos resultados que gera dentro de si. Como conclusão, e aí reside sua invenção, apesar de a filosofia estar sob a condição da ciência, ela não pode tratar do real da ciência (Badiou, 2017, p. 57). Ela pode apenas supor tal condicionamento pela invenção nominativa específica e imanente ao condicionado (a filosofia não pensa a ciência, mas inventa e declara nomes para a ciência).

O duplo tema da invenção e da imanência possui um preço caro: seus efeitos exteriores da filosofia são opacos para a própria filosofia. Isso ocorre porque medir ou pensar esses efeitos exigiria categorizar a ciência e a ideologia do interior da filosofia (Badiou, 2017, p. 57-58). Dessa forma, a filosofia é condicionada por práticas reais, mas os efeitos que produz são para ela apenas uma suposição vazia. Esse “impossível de ser pensado” é o real da filosofia, sustentado no efeito que ela produz sobre suas condições. Assim, a filosofia é determinada pelos campos das práticas reais, mas não pode pensar nos efeitos que têm sobre esses campos. Se a filosofia é condicionada por certos campos e consegue, dentro de si, pensar esses campos, ela produz efeitos que impactam esses mesmos campos. Dessa forma, a relação entre filosofia e ciência não é de objeto ou de exame, mas de condição e de intervenção indireta.

Badiou chama atenção de que há uma cegueira constitutiva nessa cena, que é o ponto de impossível que, para Althusser, é um obstáculo decisivo (Badiou, 2017, p. 59). O plano da singularidade da filosofia marxista, ou marxista-leninista, cuja cisão foi introduzida na filosofia por Marx, Lênin e Mao Tsé-Tung, distingue-se radicalmente das filosofias idealistas de nosso tempo, na medida em que interioriza o sistema de suas condições e de seus efeitos. Por essa via que Althusser rejeita o antigo ideal de transparência para si das doutrinas imanentes da filosofia.

289

A filosofia marxista seria a única a não negar suas condições políticas de classe, na medida em que ela exige um controle dos efeitos da divisão no próprio campo teórico. Tal filosofia esclarece seus efeitos e suas condições, e sua clareza parece curada da negação idealista do regime de cegueira que a doutrina imanente impõe (Badiou, 2017, p. 59). No entanto, para Badiou, a investigação sobre o conceito de filosofia de Althusser é um tratamento distinto da ausência do objeto da filosofia e, conseqüentemente, do estatuto do traçado da linha de demarcação entre o científico e o ideológico (Badiou, 2017, p. 59).

3 Filosofia e política: a sutura althusseriana e a tarefa herdada de seu desfazimento

Como consequência da discussão anteriormente mencionada, Badiou afirma que esse deslocamento determina que a condição da filosofia não é apenas científica, mas também política (ponto nodal número dois) (Badiou, 2017, p. 60). Esse atrelamento de Badiou, a partir da filosofia marxista-leninista, dá à filosofia clareza sobre sua condição e sobre como ela é determinada pela causa proletária. A filosofia e a política se ligam pela seguinte tese: a filosofia, que não tem objeto nem história, não é, na verdade, nem o pensamento das ciências, nem o

pensamento da luta de classes ou da política, nem o pensamento de uma relação entre ambas. A filosofia representa, nas palavras de Althusser, tanto a ciência junto da política, quanto a política junto da ciência (Althusser, 1974a, p. 63). Assim, a filosofia surge como terceira instância entre a luta de classes e a ciência, ela representaria a política no domínio da teoria junto das ciências e, vice-versa, representaria a cientificidade na política, junto das classes engajadas na luta de classes. Badiou observa que há uma equalização entre política e luta de classes feita por Althusser que não foi completamente aceita (Badiou, 2017, p. 60).

Sendo a filosofia o espaço aberto entre suas duas condições (ciência e política), o operador filosófico vem da política. É possível entender isso na medida em que a filosofia, para Badiou, circula entre a prescrição da política e o paradigma do científico, sem tomar nenhum dos dois como objeto. Esse vazio é sustentado por um primeiro e anterior vazio, o que separa as práticas de verdades heterogêneas: “A partir de então, o efeito filosófico imanente, o traçado de uma demarcação entre o científico e o ideológico, encontra-se sob a dependência de uma prescrição de classe, que é dada como uma posição de classe do ato filosófico” (Badiou, 2017, p. 61). Graças à dualidade das condições, há um efeito complexo, que é o da imanência situada (interior a si mesma e localizada em termos de posições).

290

A montagem do estratagema althusseriano reconhece, em primeiro lugar, a dupla relação entre a filosofia e as ciências, e a filosofia e a política (Badiou, 2017, p. 61-62). Trata-se um ato de torção entre a filosofia e suas condições de verdade, que só pode ser pensada dentro da própria filosofia. A torção filosófica consiste em estabilizar sob o nome de verdade, com letra maiúscula, ou qualquer outro nome equivalente, o espaço vazio em que algumas verdades agora indiscerníveis são percebidas na forma declaratória de seu ser e não na forma real de seu processo. O existir das verdades é duplo: o real de seu processo, que se torna a condição para a filosofia; e a percepção filosófica, que declara seu ser.

Althusser está muito próximo disso quando escrever sobre o lugar da intervenção da filosofia (Althusser, 1974b p. 38; Badiou, 2017, p. 62). Ela interviria politicamente sob uma forma teórica nos dois domínios (prática política e prática científica). Ambos os domínios são seus (da filosofia), na medida em que ela é produzida nesses lugares. É próprio da filosofia que o campo de intervenção seja aquilo mesmo que a condiciona, e é justamente por esse movimento que a filosofia se dobra em si mesma. No entanto, Althusser afirma que a filosofia intervém politicamente (Badiou, 2017, p. 62). Aqui, política não é apenas campo de intervenção, mas natureza do ato filosófico: “Em última instância, a intervenção filosófica, que era a representação e mediação entre as ciências se a política, se torna, ela mesma, uma forma

de política” (Badiou, 2017, p. 62). Nesse sentido, é a política que qualifica o *ser* do ato filosófico.

Badiou relembra que esse período é o entorno de 1968 e suas consequências (Badiou, 2017, p. 62-63). O fato de a filosofia ter seu fundo político é um tema da época de um limiar de mudança em Althusser. Até 1965, a filosofia está no mesmo plano da ciência. De 1968 em diante, a filosofia é o retrato da luta de classes (ou, segundo a fórmula de Althusser, a luta de classes na teoria). Assim sendo, a política passa a ocupar um lugar privilegiado perante as condições da filosofia. Se antes esse lugar era o da ciência, agora a política ocupa esse lugar. Badiou aponta que ela passa a ter esse privilégio, para além de seu estatuto de condição, pois ela penetra na determinação do ato (Badiou, 2017, p. 63).

Em seus escritos, a essa ruptura Badiou dará o nome de sutura. Segundo o filósofo, a sutura é uma operação de construção de um ponto de vista específico da filosofia geral subordinada a ao menos uma de suas condições. Em qualquer situação em que a filosofia é vista parcialmente segundo a operação redutora de uma condição específica (no caso em questão, a política como condição geral da filosofia althusseriana), tem-se atribuída à determinação do ato filosófico uma inversão, que domina e condiciona a própria filosofia (Badiou, 1991, p. 29-34). Esse ponto é fundamental, pois Badiou demonstra que apesar de todo seu esforço teórico e de esforço de libertação da filosofia, Althusser não consegue liberá-la enquanto tal e preservar sua imanência (Badiou, 2017, p. 63-64). A liberação da filosofia da ciência só pôde acontecer mediante à sutura política. Dessa forma, a filosofia ainda se encontraria paralisada por uma de suas condições, cujo problema da sutura compromete suas duas bordas: a própria filosofia e a condição privilegiada da política (Badiou, 2017, p. 64). Do lado filosófico, a sutura que investe o ato filosófico de uma determinação singular em relação a sua verdade destrói por completo o vazio objetual do lugar filosófico como lugar de pensamento. Suturada à política a filosofia encontra de novo objetos, mesmo com a negação de Althusser. A interioridade prática de suas condições, seja na ciência ou na política, não pode ter acesso a isso unicamente a partir de seu próprio ato. Por sua vez, já do lado da política, a sutura dessingulariza todo o processo, pois para poder declarar que a filosofia é uma intervenção política, é preciso ter um conceito muito mais geral e determinado de política (Badiou, 2017, p. 64). A filosofia teria a necessidade de se substituir a esses modos históricos por um filosofema que é assumido no dispositivo althusseriano pela identificação pura e simples da política com a luta de classes (Althusser, 1974a, p. 25-40).

Há ainda uma última dificuldade, no momento em que Althusser repete que a filosofia é uma intervenção política “sob a forma teórica” (Althusser, 1974b, p. 62; Badiou, 2017, p. 65). Tal colocação parece distinguir a intervenção filosófica de outras formas de política, ao mesmo passo que a política de emancipação é um lugar de pensamento. Essa distinção recai em uma tentativa inútil de separar os estratos da prática e da teoria, aquilo que fora desde o princípio rejeitado por Althusser. Para uma devida correção, Badiou sugere que, como qualquer processo de verdade, a política é um processo de pensamento sobre condições que são acontecimentos (Badiou, 1991, p. 43-50). Desse modo, o que faltou para Althusser foi reconhecer a plena imanência em pensamento de todas as condições da filosofia (Badiou, 2017, p. 65). Esses domínios sofrem intervenção da filosofia apenas na medida em que o ato filosófico produz efeito em si mesmo. Só é possível pensar a imanência dos resultados e dos efeitos da filosofia se se pensar a imanência de todos os procedimentos de verdade que a condicionam, e singularmente a imanência da política (Lazarus, 2017, p. 1-9).

Como conclusão, Badiou reconhece que Althusser mostrou e desenvolveu quase tudo o necessário para emancipar a política: a ausência de objeto e o vazio, a invenção categorial, a declaração e as teses, a colocação das condições, a imanência dos efeitos, a racionalidade sistemática, a torção (Badiou, 2017, p. 65-66). O paradoxo é que ele inventa isso na disposição da lógica da sutura, paradoxo esse que ensina que não se sai do teoricismo pelo politicismo, nem tampouco pela estética ou pela ética da alteridade.

O legado de Althusser permanece: a tarefa de retirar a sutura (científica ou política) da obra de Althusser para liberar o alcance universal de sua invenção. Para tanto, Badiou propõe quatro máximas orientadoras a serem realizadas: (1) ampliar os espaços das condições a todos os lugares de pensamento imanente em que procedem, em decorrência dos acontecimentos singulares para além das ciências e da política, mas também outras condições; (2) conceber as condições não como dispositivos do saber ou da experiência, mas como ocorrências de verdades, não como regimes de discurso, mas como singularidades de acontecimentos – Badiou argumenta que Althusser se opõe a categoria de verdade, pois ele a considera idealista, isso acontece por haver uma identificação em Althusser entre conhecimento e verdade; (3) o ato filosófico não se encontra nem na forma da representação, nem na forma da mediação, ele é um ato de percepção e que também se faz perceber; (4) sustentar a dimensão subtrativa da filosofia, entendida como o lugar onde se percebe que existem verdades na política, na ciência e em quaisquer outros campos compossivelmente (Badiou, 2017, p. 66-67).

Althusser desempenha um papel crucial no pensamento filosófico contemporâneo, especialmente em relação à sua defesa da filosofia como um ato formal racional. Badiou, ao reconhecer a relevância de Althusser, posiciona-se ao lado dele ao afirmar que ambos compartilham a convicção de que a filosofia não está em seu fim, mas continua sendo uma prática essencialmente crítica e criativa. Nos anos 1960, segundo Badiou, Althusser foi o único a sustentar que a filosofia deveria ser entendida como um ato de rigor lógico e sistemático, desafiando as tendências que viam sua diminuição ou extinção no cenário intelectual das antifilosofias generalizadas (Badiou, 2017, p. 67). É dessa postura fundamental para o pensamento atual, que reflete a persistente relevância da filosofia como um campo que oferece ferramentas para a análise crítica das práticas sociais, políticas e científicas que se configura como a herança althusseriana para os tempos atuais, na medida em que mantém o espaço de reflexão e intervenção para o pensamento.

Conclusão

Conforme apresentado, Althusser continua a exercer influência significativa no pensamento contemporâneo. A leitura de Badiou reforça essa relevância, mas também expõe limites e contradições, como a tensão entre a autonomia da filosofia e sua ligação com a ciência e a política. A partir do problema levantado, sob a hipótese central de que a reconstrução do pensamento althusseriano por Badiou pudesse oferecer aportes relevantes para essas áreas, pode-se considerar confirmada a hipótese, evidenciando que, apesar de suas limitações, Althusser permanece uma referência fundamental que permite tanto ampliar quanto repensar sua contribuição filosófica.

Na primeira parte, buscou-se mostrar como Althusser, ao refletir sobre a relação entre filosofia e política, delimitou o papel da filosofia como instância de análise crítica dos fracassos políticos, entendendo-os como desvios teóricos por uma leitura filosófica específica do marxismo, que resultou na reconfiguração da relação entre ciência, ideologia e prática teórica. Dessa forma, mostrou-se que a tentativa de Althusser de estabelecer a filosofia como teoria da prática teórica o levou a um dilema sobre sua posição entre ciência e política. Dessa complexificação culminou-se na aproximação paradoxal entre filosofia e matemática, mais especificamente na defesa de um movimento a favor do esvaziamento objetivo da filosofia.

Na segunda parte, afastando-se do teorismo e promovendo uma ruptura que redefine a relação entre materialismo histórico e materialismo dialético, Althusser revisa sua

concepção de filosofia após 1965 para mostrar que a filosofia não pode ser reduzida a uma teoria do conhecimento ou à história das ideias, reconcebendo-a como um ato de separação, distinção e demarcação entre ciência e ideologia. Essa mudança implica na negação da filosofia como disciplina com objeto próprio, tornando-a um vazio categorial cuja função é operar dentro do pensamento e intervir nas práticas reais.

Por fim, na terceira parte, foi possível mostrar que, ao longo do desenvolvimento de sua análise sobre Althusser, Badiou enfatiza a relação entre filosofia, política e ciência com o objetivo de condicionar os campos da ciência e da política àquele pensamento filosófico de base. A partir da “sutura”, Badiou argumenta que Althusser, ao deslocar a condição privilegiada da filosofia da ciência para a política, não consegue libertá-la plenamente, pois ela permanece atrelada a uma de suas condições. Dessa forma, Badiou propõe ampliar o escopo das condições filosóficas ao sustentar sua dimensão subtrativa e imanente.

Ao destacar a noção de sutura, Badiou demonstra que a tentativa de Althusser de libertar a filosofia de um condicionamento exclusivo à ciência resultou na submissão desta à política, mostrando assim a dificuldade em manter sua autonomia. No entanto, longe de invalidar a contribuição althusseriana, essa análise permite expandi-la, evidenciando a necessidade de pensar a filosofia como um ato imanente e independente de qualquer uma de suas condições. Dessa maneira, a leitura de Badiou não apenas resgata Althusser, mas também aponta caminhos para uma reflexão filosófica mais ampla, que ultrapassa os limites do marxismo estrutural e sugere novas possibilidades para a relação entre filosofia, política e outras esferas do pensamento.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Elementos de autocrítica**. Tradução de Miguel Barroso. Barcelona: Editorial Laia, 1975.
- ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica**. Tradução de Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ALTHUSSER, Louis. **Lenine e a Filosofia**. Tradução de Herberto Helder e Antônio Carlos Manso Pinheiro. Lisboa: Editora Estampa, 1974a.
- ALTHUSSER, Louis. **Lire le Capital**. Paris: PUF, 1965.
- ALTHUSSER, Louis. **O que não pode mais perdurar no Partido Comunista Francês**. In: *Eurocomunismo X Leninismo (Coleção Polêmica)*. Editora Vega, 1978, p. 24-27.

ALTHUSSER, Louis. **Philosophie et philosophie spontanée des savants**. Paris: François Maspero, 1974b.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

ALTHUSSER, Louis; BADIOU, Alain. **Materialismo histórico e materialismo dialético**. Tradução de Elisabete A. Pereira dos Santos. São Paulo: Global Editora, 1979.

ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne; ESTABLET, Roger. **Ler o Capital**, vol. 2. Tradução de Nathanael C. Caixeiro Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

ALTHUSSER, Louis; RANCIÈRE, Jaques; MACHEREY, Pierre. **Ler o Capital**, v. 1. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

BADIOU, Alain. **A hipótese comunista**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012a.

BADIOU, Alain. **Compêndio de metapolítica**. Tradução de Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

BADIOU, Alain. **Manifesto pela Filosofia**. Tradução de MD Magno. Rio de Janeiro: Aoutra Ed, 1991.

BADIOU, Alain. **Pequeno panteão portátil**. Tradução de Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BADIOU, Alain. **Philosophy for militants**. Tradução de Bruno Bosteels. London: Verso, 2012b.

BALIBAR, Etienne. **A filosofia de Marx**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

LAZARUS, Sylvain. **Antropologia do nome**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

SAMPEDRO, Francisco. **Louis Althusser**. Marília: Lutas Anticapital, 2023.